Oportunidades no mercado externo

Cada R$1 milhão exportado pela indústria de lácteos aumenta a produção em R$4,8 milhões e gera 70 empregos

SAMUEL JOSÉ DE MAGALHÃES OLIVEIRA
SILVIA HELENA GALVÃO DE MIRANDA

O desempenho favorável do setor externo brasileiro proporciona boas notícias: as exportações anuais ultrapassam US$70 bilhões/ano e a relação dívida externa/exportações decresce. Este dinamismo conta com o peso do agronegócio: o Brasil mostra ao mundo competência nas cadeias de soja, carne, açúcar, laranja, dentre outros.



Em 2003, o grau de abertura econômica foi de 12%, acima de médias entre 6 e 9% dos últimos cinqüenta anos. Isso significa que o País exporta mais em relação a tudo o que produz. O Brasil está na era da globalização, e isso é um fator positivo para imprimir mais concorrência e dinamismo à economia brasileira.

Em 2003, o Brasil ocupou a modesta 25ª posição mundial, considerando o valor das exportações. Se a participação brasileira ainda é muito pequena e passa de um pouco mais de 1% das exportações mundiais, e menos do que isso, quando se trata das importações, o perfil das exportações mudou ao longo da segunda metade do século passado: deixaram de ser predominantes os produtos básicos, dando lugar ao manufaturados, com maior valor agregado e sendo maiores geradores de riquezas. Em 2000, tais produtos contribuíram com 59% do valor das exportações, e no último triênio, com 54%.

Brasil no comércio exterior

ano	grau de abertura econômica (%)	participação no mercado internacional (%)	
		exportações	importações
1950	8	2,4	1,7
1960	8	1,1	1,2
1970	6	0,9	0,9
1980	9	1,0	1,3
1990	6	0,9	0,6
2000	9	0,9	0,9
2003	12	1,1	0,9

Fonte: Unctad, Bacen.
O grau de abertura econômica é a razão entre a média das exportações e importações e o PIB { (IMP + EXP)/ (2 x PIB)}

Em algumas cadeias do próprio agronegócio, existe a diminuição da exportação de produtos com maior valor agregado: o aumento da exportação de soja em grãos e a diminuição da exportação de derivados, como o farelo de soja, e também a maior exportação de açúcar na forma bruta são dois exemplos disso. Embora esse desempenho esteja condicionado pelas políticas comerciais dos países importadores, os brasileiros devem ser mais ativos, elaborando políticas e estratégias para aumentar o valor agregado das exportações e dinamizar setores não-agrícolas importantes, como a indústria da informática e telecomunicações.

Brasil: exportação por fator agregado, valores relativos

ano	participação sobre o total exportado (%)		
	básicos	semimanufaturados	manufaturados
1964	86	8	6
1970	76	9	15
1980	43	12	45
1990	30	16	54
2000	26	15	59
2003	31	15	54

Fonte: Funcex, IPEA, Bacen

Cada milhão exportado em 2000 gerou R$2,10 milhões em produção e criou 49 empregos no País. O motivo é fácil de se entender: as exportações de soja, por exemplo, demandam a produção de soja, mas também de insumos, máquinas e equipamentos para a lavoura, a prestação de serviços e o incentivo a outros setores da economia.

Pode-se pensar em algumas cadeias dinâmicas do agronegócio para agregar valor às exportações, como, por exemplo, a de laticínios, sem importância expressiva na exportação, participando com irrisórios 0,02% do valor exportado. No entanto, as suas pequenas exportações causam maior impacto relativo na geração de empregos e na produção, em comparação com a totalidade dos setores exportadores. Cada milhão de reais exportado pela indústria de lácteos aumenta a produção em R$4,8 milhões e gera 70 empregos. Embora a reduzida exportação do setor sugira cautela na interpretação desses resultados, existem evidências de que o crescimento das exportações de laticínios poderia melhorar o impacto das exportações no aumento da produção e na geração de empregos.

Brasil: impacto das exportações brasileiras na geração de empregos e na produção, no ano 2000

indicador	indústria de laticínios	toda a economia
Impacto na produção (R$/ R$)	4,8	2,1
Impacto no emprego (emprego/ R$ milhão)	70	49
participação na exportação (%)	0,02	100

Fonte: USP/ Esalq, Embrapa.

Em âmbito mundial, a Nova Zelândia é destaque tanto no volume quanto no aumento observado na produção e na exportação, entre 1993 e 2003. Lá, o governo controla a comercialização externa do produto por meio do monopólio de exportação. Um exemplo de como a intervenção pública em um determinado setor pode conviver com ganhos para o mesmo.

A questão é definir as medidas mais adequadas a serem adotadas pelo governo e, nesse caso, não existem fórmulas mágicas – o conhecimento técnico e científico e o diálogo com os agentes sociais do setor lácteo devem ser os norteadores. O problema está em evitar decisões de governo para satisfazer a grupos de pressão, e não para atender à eficiência econômica e ao bem-estar social.

Um problema premente na cadeia produtiva do leite se refere à qualidade do produto, aspecto no qual o Brasil avança, mas ainda há muito a ser feito em termos de padrão e aceitação internacionais. A visão empresarial e a adoção de novas tecnologias pelo produtor são imprescindíveis.

Outro desafio está nas relações entre os diversos elos do complexo produtivo leiteiro. As relações são equânimes? Ocorre imposição de preços? Tal colocação tem uma dimensão técnica, pois a máxima eficiência econômica exige um ambiente de concorrência (ou, ao menos, o controle do poder econômico). Os ganhos em produtividade e inovação tecnológica devem ser distribuídos em todos os elos da cadeia produtiva e revertidos em benefícios para a sociedade. Estudos são recomendáveis para se esclarecer tal realidade nas diversas regiões de nosso país. Em se constatando concentração de poder em algum elo da cadeia, os agentes envolvidos devem se mobilizar, e o governo tem de garantir a livre concorrência.

Mundo: principais países produtores de leite

país	produção (1.000 t) 1993	2003
1 Estados Unidos	68.327	77.252
2 Índia	25.351	36.500
3 Rússia	46.297	32.800
4 Alemanha	28.098	28.350
5 França	25.324	24.614
6 Brasil	16.074	23.315
7 Reino Unido	14.829	15.056
8 Nova Zelândia	9.003	14.354
9 China	5.265	14.335
10 Ucrânia	18.199	13.400
Outros	203.399	226.876
Mundo	460.166	506.852

Fonte: FAO

Se os desafios internos do País são grandes, no âmbito internacional, a situação não é diferente. O mercado internacional de lácteos sofre intervenção no mundo. A União Européia se destaca, com uma série de mecanismos que incluem barreiras à importação, garantia de preços acima do mercado mundial, subsídio ao uso dos derivados lácteos em outros setores produtivos e à exportação.

As diversas formas de transferência de renda ao produtor de leite superam 40 bilhões de euros na UE. O subsídio já somou 59% da renda total da atividade leiteira, no final dos anos 80. Algumas mudanças introduzidas na Política Agrícola Comum diminuíram o valor para menos de 50%, nos últimos anos. Mesmo assim, o preço do leite é quase o dobro do que seria na ausência de tais medidas protecionistas.

União Européia: subsídios a produtos lácteos

indicador	período			
	1986-88	2001	2002	2003
1 transferências	43.935	46.147	43.986	42.273
2 transferências/receita da propriedade(%)	59	46	48	49
3 distorção de preço ao consumidor	2,7	1,82	1,84	1,87

Fonte: OECD

Notas sobre os indicadores: 1 Total das transferências aos produtores rurais da Comunidade Européia em milhões de euros; 2 Indica a parcela da renda da propriedade que provém de todas as formas de transferência governamental; 3 Uma aproximação de quantas vezes o preço ao consumidor está acima do preço do mercado internacional.

Comércio internacional de leite e derivados: principais países exportadores

	exportação (US$ 1.000.000)	
país	**1993**	**2003**
1) França	3.873	3.713
2) Alemanha	4.705	3.549
3) Holanda	4.338	3.073
4) Nova Zelândia	1.490	2.593
5) Bélgica-Luxemburgo	1.858	1.849
6) Austrália	626	1.579
7) Dinamarca	1.292	1.358
8) Irlanda	1.874	1.005
9) Itália	672	993
10) Reino Unido	893	819
Outros	3.297	6.118
Brasil	10	40
Mundo	24.928	26.689

Fonte: FAO.

O momento atual é muito oportuno para se discutir tais questões. O Brasil, por intermédio do Mercosul, negocia acordo comercial com a UE. Um acordo bem-sucedido pode trazer frutos para o agronegócio e as exportações brasileiras.

Em suma, se as exportações são importantes para impulsionar o crescimento econômico brasileiro, a busca de diversificação e alternativas sempre é válida, quando estas são discutidas com a sociedade e os segmentos envolvidos. Por que não discutir a contribuição do agronegócio do leite? A cadeia demonstra capacidade de mudanças e modernização, pela realocação de espaço, escala de produção e ganhos de eficiência, preços e qualidade. Será este um momento para transformar esta bem-sucedida trajetória no mercado doméstico em oportunidade de negócio no âmbito internacional? ■

SAMUEL JOSÉ DE MAGALHÃES OLIVEIRA *é engenheiro agrônomo, MSc. Adm. Rural, Pesquisador da Embrapa, Doutorando em Economia Aplicada USP/ Esalq. E-mail: sjmolive@esalq.usp.br.*

SILVIA HELENA GALVÃO DE MIRANDA *é engenheira agrônoma, Doutora em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Bolsista da PRODOC-CAPES/LES-ESALQ, Coordenadora do Grupo de Estudos em Comércio Internacional - ESALQ/USP, Pesquisadora e Colaboradora do Centro de Estudos em Economia Aplicada - CEPEA/ESALQ. E-mail: smiranda@esalq.usp.br.*

Vendas externas batem recorde

CARLA ARANHA
Do AgroPauta

Dados divulgados pela Comissão Nacional de Pecuária de Leite da CNA (Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil) indicam que as exportações de lácteos aumentaram 61% entre janeiro e maio deste ano, em relação ao mesmo período de 2003, atingindo 17,6 mil toneladas. A receita cresceu ainda mais: 107%, somando US$23,8 milhões.

"Passamos a vender mais produtos industrializados, e não tanto commodities", explica Rodrigo Alvim, presidente da Comissão Nacional de Pecuária de Leite da CNA. O Brasil está exportando mais leite condensado, leite em pó e leite evaporado. Este ano, a produção nacional deve chegar a 23,5 bilhões de litros, 4% maior do que a de 2003, representando um faturamento de R$10,8 bilhões em 2004, em comparação com R$10,4 bilhões, no ano passado.

"Pela primeira vez, o Brasil deverá ter volumes maiores de exportação do que de importação de leite", afirma Sérgio Avellar, assessor econômico da Federação da Agricultura e Pecuária de Minas Gerais (FAEMG), Estado que responde por 30% da produção nacional.

Mas, por enquanto, o produtor nacional não está sendo beneficiado pelo aumento das exportações. Apenas 40% dos produtores estão organizados em cooperativas. A maioria absoluta não tem, portanto, grande poder de negociação junto à indústria. Hoje, o preço real médio pago pelas indústrias ao produtor é de R$0,47 por litro, valor cerca de 14% menor do que o registrado em 2003. Enquanto isso, o consumidor está gastando mais para comprar leite – o produto longa vida teve aumento de 20% nos supermercados de São Paulo e Minas Gerais. O setor pretende se reunir em breve para discutir essas distorções e propor novas soluções para a cadeia láctea no Brasil.

Novos mercados: o Brasil pretende explorar novos mercados, como a China, onde, segundo levantamento do CNA, existe uma grande demanda reprimida pelo produto. Da população de 1,3 bilhão de pessoas, na China, apenas 300 milhões (aqueles que têm acesso aos bens de consumo) consomem 50 litros per capita por ano – ainda assim, esta é uma quantidade considerada muito baixa pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que estabelece o consumo mínimo necessário de leite em 180 litros *per capita* por ano. O restante da população chinesa toma ainda menos leite – 8 litros *per capita* por ano. Concorrem com o Brasil para o fornecimento de leite à China países como Estados Unidos, Argentina, Uruguai e Nova Zelândia, além da União Européia. "É um processo de médio ou longo prazo, mas já iniciamos as primeiras conversações com os chineses", adianta Alvim.

Em um futuro breve, haverá uma demanda por leite na China calculada em 42 bilhões de litros por ano, levando-se em conta somente as necessidades dos 300 milhões de consumidores chineses, de acordo com estudos da CNA. Esse total corresponde a 30% da produção européia, à metade da dos Estados Unidos e a duas vezes a produção do Brasil, que é o quinto maior produtor de leite do mundo. Para concorrer em novos mercados, o País precisa aumentar ainda mais sua produção, que hoje cresce ao ritmo de 3% a 4% ao ano. Para isso, será necessário aproveitar melhor as pastagens atualmente sub-utilizadas e tornar produtivos os cerca de 90 milhões de hectares ideais para a pecuária de leite, ainda não utilizados no centro-oeste. Também faz falta a adoção em larga escala de técnicas mais modernas de produção. "Estamos trabalhando nessas questões em seminários por todo o Brasil", diz Alvim.

Além da China, o Brasil pretende conquistar outros mercados, entrando com dinamismo nos Estados Unidos, no nicho de leite comercializado em sachês, bastante popular entre os americanos. Outro segmento promissor é o do leite em pó. A Itambé acabou de ganhar uma concorrência da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) para a venda leite em pó, que será distribuído no Iraque e em outros países em crise. O Brasil já exporta leite em pó para o próprio Iraque, além do Chile e de Angola, entre outros países. O leite condensado e evaporado vai principalmente para Estados Unidos, Angola, Trinidad e Tobago e Venezuela.

Onde saber mais: www.cna.org.br; www.agropauta.com.br